

TRABALHO E EDUCAÇÃO NA DIÁSPORA AFRICANA DE ESTUDANTES ORIUNDOS DE GUINÉ-BISSAU EM FORTALEZA-CE-2015

Francisco Felipe Peixoto.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

peixototgp@yahoo.com.br;

Daniely Cardoso do Nascimento.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

danyzinhaen@gmail.com

Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

edsonholanda@unilab.edu.br

RESUMO:

A pesquisa objetiva conhecer as condições de formação e trabalho de estudantes oriundos de Guiné-Bissau que migraram para Fortaleza. A metodologia adotada baseia-se em pesquisa, para a qual utilizou-se de recursos interdisciplinares, que primaram pela a oralidade, através de entrevistas nas quais registrou-se aspectos da vida cotidiana e expectativas em torno da formação desses estudantes. Que a partir de 2009 por ocasião de parceria entre o governo do Brasil e de Guiné-Bissau, migraram para o Ceará, visando uma formação superior ou técnica, que lhes permitiria voltar ao seu país em melhores condições de serem absorvidos pelo mercado de trabalho. Os estudantes vislumbraram a possibilidade de estudar no Brasil em escolas técnicas e faculdades que prometiam estágios remunerados, que não concretizaram-se na prática. Entre 2009 e 2011, centenas de estudantes desembarcaram em Fortaleza e em 2012, uma crise política afetou Guiné-Bissau, culminando em um golpe de estado. As famílias dos estudantes ficaram impossibilitadas de enviarem dinheiro aos seus filhos, fato que gerou a inadimplência dos estudantes com as faculdades, deixando os migrantes impossibilitados de receberem declarações estudantis, perdendo a condição de estudantes e o visto, o que implicava em risco de extradição. Sem dinheiro para manterem-se e pagar as mensalidades, procuraram inserir-se no mercado informal de trabalho, já que só poderiam trabalhar em regime de estágio em áreas afins aos seus cursos. A relevância do tema para a área consubstancia-se à medida que fomenta uma reflexão acerca da diáspora africana de estudantes na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Estudantes, Diáspora, Trabalho, Educação.

INTRODUÇÃO

Atualmente percebeu-se uma mudança substancial na paisagem da cidade de Fortaleza, que tem cada vez mais contado com a presença de vendedores negros africanos, principalmente lojas de artigos importados. Sabe-se que estes jovens vêm ao Brasil para estudar, em busca de formação superior ou em cursos técnicos, algo que em seus países é mais difícil.

Dados da Divisão do Controle de Imigração da Polícia Federal no Ceará, apontam que de 2010 a 2014, cerca de 3680 estudantes africanos desembarcaram no Ceará, tendo como origem Angola (11), Cabo Verde (2376), Guiné-Bissau (1133) e São Tomé e Príncipe (160), países que compõem a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), estudam e vivem em Fortaleza, sendo os estudantes de Guiné- Bissau a grande maioria, dada as condições econômicas, sociais e políticas daquele país.

ESTRANGEIROS CLASSIFICADOS COMO TEMPORARIOS COM REGISTROS DE RESIDÊNCIA NESTE ESTADO:

NACIONALIDADE	TODO ESTADO	FORTALEZA	TOTAL
CABO VERDE	653	554	653
GUINE BISSAU	1105	708	1105
SÃO TOME E PRINCIPE	142	77	142
ANGOLA	128	58	128
MOÇAMBIQUE	56	56	56

FONTE: DELEGACIA DE POLÍCIA DE IMIGRAÇÃO/CE. 23/7/2015

O convênio de cooperação entre o Brasil e Guiné-Bissau existe desde 1964, e foi criada com a perspectiva de melhorar as relações políticas e comercial, além de promover reparação aos muitos anos de escravização dos povos da África, de 1964 até 2002 a grande maioria de estudantes migrantes vinha estudar em instituições públicas federais, a partir de 2008 faculdades particulares começaram a fazer divulgação de seus serviços nos países africanos que tem o português como língua oficial, colocando a possibilidade para centenas de jovens de se tornarem-se estudantes universitários no Brasil.

A Universidade Federal do Ceará - UFC foi primeira universidade do Ceará a receber jovens imigrantes africanos, o que causou a principio um estranhamento, tanto entre acadêmicos como na população local, pois, a “diferença” de cor da pele, estigma em nossa sociedade, onde ser negro está associado à criminalidade, não são poucas às vezes em que os negros são confundidos com bandidos, sendo sempre os primeiros suspeitos para crimes de toda natureza.

Os estudantes de Guiné-Bissau, objeto da pesquisa, afirmam que foram vitimas de propaganda enganosa por parte das faculdades, com a propaganda “Seja universitário no Brasil”, as

faculdades anunciavam um baixo custo de vida e prometiam estágio remunerado aos estudantes, o que na prática se mostrou não existir. Conforme material publicitário abaixo:



SEJA UNIVERSITÁRIO NO BRASIL
INVESTIMENTO A PARTIR DE 40.000 CFA*

FACULDADE EVOLUÇÃO
FATENE

Inscrições abertas
2009.1 VESTIBULAR
Em BISSAU

Inscrição 13.000 CFA

Graduação + Pós-graduação e preparação para certificação profissional

Enfermagem
Graduação - Bacharelado: Habilita a assumir competência técnica e política para o exercício da enfermagem nos serviços de saúde e a executar ações de promoção, prevenção, cura e reabilitação e a ter capacidade de inserir-se em equipes multiprofissionais, desenvolvendo trabalho coletivo. Carga horária: 4.110 horas.

Serviço Social
Graduação - Bacharelado: Habilita a atuar no trato da questão social, formulando e implementando propostas para seu enfrentamento, por meio de políticas sociais públicas, empresariais, de organizações da sociedade civil e movimentos sociais. Carga horária: 3.120 horas.

Educação Física
Graduação - Licenciatura plena: Habilita (como professor) para atuação no ambiente escolar nos diversos graus de ensino, podendo dar aulas de Educação Infantil até o Ensino pré-universitário, para portadores de necessidades especiais, e prevê habilidades que permitem desempenhar funções administrativas e técnico-pedagógicas. Gera competência acadêmica para produzir e socializar conhecimentos e para dar continuidade aos estudos em diversos ramos de especialização profissional. Carga horária: 3.175 horas.

Guiné-Bissau vive desde 1980 um clima de instabilidade política, com golpes de estado, conflitos armados, perseguição a opositores, assassinatos, tendo a democracia sofrida diversos retrocessos durante essas três décadas, não tendo nenhum presidente eleito concluído o mandato e em 2012, sofreu outro golpe militar, este acarretou grandes consequências para os estudantes, que por ocasião deste e da crise econômica gerada pelo mesmo, deixando as famílias dos estudantes impedidas de enviarem dinheiro para estes pagarem suas mensalidades, gerando atraso nas parcelas e ameaçando a permanência de centenas de estudantes no Ceará, pois não tendo o visto de estudantes, perderiam o direito de permanecer no país.

Este estudo tem como objetivo refletir acerca da realidade vivenciada em torno do trabalho e educação na diáspora africana de estudantes oriundos de Guiné-Bissau em Fortaleza-Ceará, e justifica-se a medida que possibilita uma reflexão a cerca de como vivem, estudam e trabalham esses estudantes na capital cearense, uma vez que esta tem sido uma realidade crescente no cotidiano da cidade.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa baseia-se em recursos interdisciplinares, que primaram pelo cruzamento de fontes escritas (jornais, documentos da Polícia Federal, material de propaganda) e o estudo da oralidade, bem como através de 5 relatos de estudantes, colhidos em forma de entrevistas que apontam aspectos da vida cotidiana e expectativas em torno da formação desses estudantes.

Ancora-se ainda em artigos apresentadas por Alessando Portelli Portelli (1997) para o trabalho de construção e interpretação de fontes orais e Carlo Ginzburg (1989) para uma abordagem qualitativa e analítica em fontes orais e escritas, que a esse respeito nos diz que:

A importância do testemunho oral pode-se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual com todos os critérios estabelecidos do ceticismo filológico e verificação factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância. (PORTELLI 1997)

Buscamos investigar as múltiplas narrativas possíveis com a análise de fonte orais e escritas, destacando as informações coletadas através de entrevistas com estudantes de Guiné-Bissau que estudam em faculdades particulares em Fortaleza/CE.

RESULTADOS

Devido às dificuldades econômicas encontradas pelos estudantes guineenses, os resultados preliminares da investigação apontam para uma alta incidência por parte desses estudantes inseridos no mercado informal de trabalho, uma vez que os mesmos tem dificuldade para manterem-se dado o alto custo de vida, ao encontram-se sem contar com os recursos que anteriormente lhes eram enviados pelas suas famílias. Percebemos que muitos estudantes trabalham, embora o convênio com eles firmado para estudarem no Brasil não permita oficialmente que trabalhem.

Nesta perspectiva, traçamos um breve perfil de 3 dos 5 entrevistados e as condições em que as mesmas ocorreram, através de suas narrativas, primeira destas, deu-se com o Carlos, codinome que utilizei para facilitar conseguir as entrevistas e preservar a identidade, a intimidade do entrevistado, assim como nos demais que se seguem no decorrer das entrevistas.

Antes da entrevista foram vários contatos, estive em sua casa pelo menos quatro vezes, seu ingresso em Fortaleza deu-se após várias tentativas, finalmente conseguiu matricular-se no Brasil.

Chegando em Fortaleza, no dia 26 de junho de 2011, com a mala carregada de esperanças e sonhos, deixando em Guiné-Bissau os pais e quatro irmãos.

No aeroporto já o esperavam outros dois estudantes Guineenses, com os quais foi morar em uma favela localizada na região central de Fortaleza, aonde veio a morar ele e mais três Guineenses, uma semana depois conseguiu o primeiro emprego, foi trabalhar na construção civil, e oito meses depois, com o fim da obra, foi mandado embora, como não tinha carteira assinada, teve seus direitos negados, sem ter a quem reclamar, nada recebeu.

Academicamente matriculou-se na escola de Ensino Profissionalizante IASOCIAL (Instituto de Assistência Social), no curso de técnico de enfermagem por um ano, chegou a fazer estágio, no retorno as aulas, mas, não conseguiu se adaptar, o preconceito na sala de aula o deixou desanimado. Em um segundo momento tentou fazer o curso superior em enfermagem na FAMETRO (Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza), não conseguiu passar no vestibular, foi então fazer o curso superior de Recursos Humanos no CETREDE (Centro de Treinamento e Desenvolvimento) que mantém convênio com a UVA (Universidade Vale do Acaraú), lá bem diferente do IASOCIAL, foi bem recebido pelos colegas, era a sensação da turma, concluiu o curso este ano, atualmente trabalha em uma empresa da construção civil como pedreiro, exhibe com orgulho o pedido de visto permanente.

O segundo entrevistado foi o estudante guineense Manuel, chegou a Fortaleza em 2011, Manuel começou falando de como se deu a escolha do curso e da faculdade, disse que a propaganda chamou a atenção da mãe, que o participou e juntos direcionaram-se para a aventura acadêmica no Brasil. Manuel destaca que o Brasil divulgado pelas novelas e programas policiais é bem diferente da realidade, as notícias da violência veiculada na TV sempre preocuparam, estranhou bastante o hábito de ter que manter as portas fechadas, de não poder ficar na rua até tarde, de não poder andar com objetos de valor sem o risco de ser assaltado, mas o que mais o deixou chocado foi a falta de respeito com os mais velhos, pois no continente africano eles são tratados com muito respeito, outro fato que chamou sua atenção foi a indiferença como alguns brasileiros se comportam, hoje falam contigo, amanhã passam e nem te cumprimentam.

O primeiro contato com a faculdade foi difícil, apesar de Guiné-Bissau ter a língua portuguesa com língua oficial, ele teve dificuldade de adaptação com o português do Brasil, o uso de gírias dificultava a comunicação e a compreensão das aulas e dos conteúdos, pois os professores também falavam um português que ele não estava acostumado. Manuel buscou na leitura subsídios para superar essa dificuldade, quando tinha dúvidas não hesitava em procurar ajuda de colegas e

professores brasileiros, a adaptação veio acontecer apenas no segundo semestre, vale destacar que em relação aos colegas de sala não houve nenhum problema relacionado a preconceito ou xenofobia, houve uma boa convivência. Sobre sua inserção no mercado de trabalho, o primeiro trabalho foi informal, ele conseguiu por indicação de um colega da faculdade, era para distribuir panfletos, a rotina de acordar cedo, o sol quente e o cansaço o fizeram desistir 3 (três) meses depois, o trabalho proporcionou-lhe conhecer diversos bairros de Fortaleza, mas estava prejudicando seu desempenho acadêmico.

O segundo trabalho, também informal, veio também por indicação de colegas, neste demorou um pouco mais, foram 1 (um) ano e 3 (três) meses, sob a gerencia de um proprietário e mais 8 meses com outro dono, para quem a empresa foi vendida, lá trabalham além dele, mais 5 estudantes guineenses todos sem carteira assinada, ao serem demitidos, tiveram que recorrer a ajuda de advogados para quem pudesse receber indenizações pelo tempo de trabalho avulso, pois tentaram pagar apenas o salário do mês.

O terceiro trabalho foi em uma empresa que vende tecidos para sofás, neste demorou 2 (dois) anos, dele Manuel fala com muita alegria, tinha carteira assinada, era bem tratado pelos colegas e pelo proprietário, além de vendedor, ajudava no suporte de informática e fazia as vezes de auxiliar financeiro, sendo muitas vezes encarregado de altas quantias para depositar nos bancos, mas sua principal atividade era a de vendas, que exercia com muita dedicação, se destacando bastante, saiu em maio de 2015, precisou pedir as contas, pois o horário da faculdade tornou incompatível com o trabalho, a empresa tentou convence-lo a não sair, mas a vontade de tentar um mestrado e prosseguir com os estudos falou mais alto.

A terceira entrevista se deu com Fernando, que mora em um apartamento no centro de Fortaleza, o irmão acabou indo estudar relações internacionais na França, ele divide com mais dois estudantes guineenses, conta que no começo estranhou a comida, achava estranho à farinha, misturar o feijão com o arroz e transformar no famoso “baião de dois” tudo muito novo para ele nessa nova cultura, já o irmão adaptou-se rápido, adorava comer fora de casa, ele aos poucos foi se acostumando, a correria do dia-a-dia o fez fazer cada vez mais refeições fora, hoje se encontra adaptado, mas às vezes cozinha em casa para matar a saudade ou vai ao encontro com os amigos em bares e pontos de encontro na cidade.

A escolha da faculdade FATENE e de Fortaleza foi feita pela irmã, o custo de vida pesou bastante na escolha, o curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas não agradou a Fernando, sua vocação era mesmo a área de saúde, seis meses depois mudou de curso e de faculdade, mesmo enfrentando a resistência da faculdade, foi fazer Gestão Hospitalar na FATECI, Terminou o curso em 2010, está cursando Especialização em Saúde Pública da Família.

Fernando relata que ficou surpreso com o tratamento dado as estudantes guineenses na FATENE, disse que os valores das mensalidades não correspondiam com o valor divulgado em Bissau, chegando a acontecer de os estudantes guineenses receber dois boletos de pagamento no mesmo mês, como explicar isso para os pais? O fato gerou um descontentamento entre os mesmos, tentou fazer uma reunião com os colegas, mas não conseguiu, alguns temiam retaliações. Outro fato que o deixou bastante incomodado foi as recomendações da faculdade EVOLUÇÃO para com os estrangeiros relativas a higiene, tais como tomar banho, escovar os dentes, usar desodorante, perfume, entre outras.

Sobre a educação em Guiné-Bissau e o Brasil, ele acredita que os guineenses são mais esforçados que os brasileiros, reclama da pouca atenção dada ao conhecimento da própria história em Guiné-Bissau, sendo priorizado no currículo outros conhecimentos, chegando os guineenses a conhecerem melhor o mundo do que a própria Guiné-Bissau, já os brasileiros tem uma visão distorcida do continente africano, achando tratar-se a África um país, quando na verdade um imenso continente com 54 países.

Fernando teve um único trabalho desde que chegou levado por um amigo, aprendeu rápido o ofício de soldador, o trabalho informal durou pouco, pois não aceitou a imposição para trabalhar um sábado, foi dispensado, na segunda-feira o amigo insistiu para que ele voltasse, não voltou, desde então suas energias estão voltadas para o movimento pastoral e para o trabalho social para prevenção do uso de drogas por jovens e adolescentes.

CONCLUSÃO

A pesquisa encontra-se ainda em andamento, mas já percebemos uma série de problemas enfrentados por estes estudantes, entre eles o racismo, estes obstáculos cotidianos são enfrentados com a união e a solidariedade, buscando nas organizações estudantis por eles organizadas o apoio necessário para supera-los, tendo sido importante o apoio da sociedade civil e dos movimentos

sociais organizados, destacando-se entre eles a Pastoral do Migrante. Esperamos a final da pesquisa poder contribuir com o debate sobre a diáspora africana na contemporaneidade. Ante o exposto percebe-se que o processo de aquisição acadêmica e trabalho, tem evidenciado uma diáspora de estudantes africanos, principalmente entre os guineenses na cidade de Fortaleza, que este processo tem tendências de aumento de fluxo, mesmo diante de tantas barreiras econômicas, geográficas, culturais e raciais.

REFERÊNCIAS

CÁ, Lourenço Oconi. A educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973). **Revista online da Biblioteca Prof. Joel Martins**. vol. 2, nº 4, 2000, p.1-19

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____ . **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 143-179.

LAVAL, Christian. **A escola não é mercadoria: O neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Ed. Planta. 2004.

MELQUIADIAS, Junior: Travessia da cor. **Diário do Nordeste**. Fortaleza-CE. 29.04.2014.

MELQUIADIAS, Junior: Travessia da cor. **Diário do Nordeste**. Fortaleza-CE. 30.04.2014.

MELQUIADIAS, Junior: Travessia da cor. **Diário do Nordeste**. Fortaleza-CE. 01.05.2014.

MELQUIADIAS, Junior: Travessia da cor. **Diário do Nordeste**. Fortaleza-Ce. 02.05.2014.

PERREIRA, Gino. Associação dos Estudantes Africanos no Ceará. Dieese. **Boletim “Os negros no trabalho” biênio 2011-2012**. Fortaleza- CE;

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como experimento em igualdade. **Projeto História**. V.14, 1997, p.32.

